

## LIVROS

por Eduardo Braga

¿Mas será possível que os livros tenham inimigos? Teem, sim, e não poucos. Os primeiros, pela nocividade egoística da sua missão, são os bibliómanos; os segundos—seres antipáticos—são alguns chatins que com os livros comerciam; e, por último, aparecem-nos em terceiro lugar as mulheres.

É, na verdade, esta estranha fauna, em harmónico concubinato, quem merece justamente o deshonroso apodo de inimigos dos livros.

Existem, ainda, outros inimigos.

Aqueles, no entanto, são os principais. Por muito estranha que se julgue esta afirmação, parece indicado o momento de ilustrá-la com alguns exemplos demonstrativos.

Vejamos, pois, pela ordem indicada, o bibliómano. É um ser curioso, que merece ser destacado pelo mau serviço prestado à expansão da cultura. Assentemos, desde já, que o bibliómano não lê nada de nada. Compra livros, muitos livros, não só para abonar-se de muito culto, como ainda para forrar as paredes das saletas de sua moradia.

Não empresta um livro a ninguém. Anda ao par das cotações do mercado livresco e num ápice, para o efeito, sabe quanto rendeu tal ou qual livro no leilão da Biblioteca Samodães, Fernando Palha e outros bibliófilos.

Vai para um leilão de livros,—o doente bibliómano,—por vício anquilosado e compra de tudo: história, crítica literária, medicina, arquitectura, literatura de cordel e filosofia da história, compra um pouco de tudo, desde que lhe dê na real gana adquirir o livro em praça.

É curioso observar um bibliómano, num leilão: muitas vezes (quantas!) decide-se a comprar determinado livro, por qualquer preço, e para tanto basta ver o livro disputado por A e por B. É um ponto de referência. Pode o livro em praça não valer nada, ou, melhor dizendo, interessar restrictamente a este ou aquele.

O bibliómano é que julga ter ali uma nova mina de Salomão. Vaidade? Imbecilidade? Sabe-se lá!

Discute catodicamente as primeiras edições: é mestre nesta sabença. Gasta meia dúzia de contos, com a maior facilidade, num leilão e não presta auxílio nenhum a um necessitado.

Eis o bibliómano.

Vamos lá, agora, analisar o desserviço prestado pelo chatim à cultura do povo. Este inimigo do livro, ao invés do bibliómano, conhece praticamente o valor intrínseco do livro. Traz o Brunet e o Salyá na cabeça—com preços actualizados.

É comerciante. Procede com mais calma e senso comercial: ve-lo-emos escabichar o livro, calculadamente, e só depois deste meticuloso exame (não vá faltar uma página ou uma estampa) é que se resolve a lançar mão da presa. Feito isto, não a larga. É fatal.

Onde quer que apareça este chatim, é certo e sabido que o desgraçado do bibliófilo, pobre, jamais apanhará uma pechincha!... É dos livros... Éte negociante livresco vai para um leilão e joga sempre à certa. Vejamos: se compra para clientes seus, está a ganhar dez por cento sobre o preço por que arrematou. Compra para revender? Então o caso é diferente e ganha muito mais. Manda recadernar o livro, comprado por dez reis, de mel coado e—creiam!—três semanas depois o referido livro estará à venda, no seu estabelecimento, por 100 ou 200 escudos, conforme os casos.

Bom negócio, como se vê. De uma maneira ou de outra, pelo que exposto fica, este cavalheiro prejudica também—e em grande escala—o bibliófilo de magros cabedais.

Eis o chatim.

Resta, por último, conglobar a mulher nesta antipática parçaria de inimigos dos livros. Já vem de muito longe a afirmativa de que a mulher ocupa um lugar de primeira plana neste horror aos livros. Diga-se, todavia, que os motivos que a determinam a chamar para si aquele in-

## OS SEUS INIMIGOS

glório papel estão filiados em razões do coração (digo bem) e não em sórdidos interesses materiais ou estúpidas fobias à letra de fôrma.

É que elas sabem que cada livro comprado representa uns cobres a menos nas minguadas receitas dos seus modestos lares: sabem que, por cima da manifesta utilidade dos livros, estão as prementes necessidades de adquirir as mil-e-uma bujigangas indispensáveis à manutenção dos seus filhos; sabem isto tudo e muito mais, infelizmente.

...Daqui o desprazer com que, a contragosto, sabem ser enfileiradas com os bibliómanos e chatins...

Estes são, como já dissemos, os prin-

cipais inimigos dos livros. Mas—podem acreditar—ainda há mais e melhor: existem outros inimigos dos livros, e estes de polpa. Trata-se de criaturas que escrevem algumas frioleiras, embora com gramática,—mas sem idéias ou com estas faraonicamente desinteressantes. São os escritores dos punhos de renda e outras banalidades de igual ou superior jaez.

Estes, sim, com o seu labor inútil, por muitas e variadas razões, é que deveriam ser considerados os inimigos número um dos livros.

Desacreditam o produto.

Aqui é que está o busilís e o resto seria outra história para contar com vagar, tempo e disposição—talvez um dia...

DE SOL A SOL  
O TEJO

por Alves Redol

O TEJO é a frase predominante, o motivo principal desta sinfonia esplendorosa e rica que é o Ribatejo.

Em andamento «amabile»—suavidade e doçura—Ele vem cantando de longe a trova do seu destino.

Azul, como um sonho de noivado, fagueiro, como carícia de mãe, Ele deixa no seu caminho a opulenta fertilidade com que copula a terra, insatisfeita e voluptuosa.

Onde poisa os lábios, brota seiva—panículas e espigas: flores e ilusões.

Brinca-lhe o sol no dorso em gargalhadas de luz, engrinaldando-o de corolas de ouro e pedrarias, para um derriço constante—todo beijos e promessas, todo extase e poesia—com certa morena ardente, sensual e arditosa, que o prende no regaço e lhe diz dos seus desejos.

Vem o rouxinol, ao caniço, vê-lo passar. E canta-lhe com lirismo, a melodia radiosa dos seus anseios pueris. De longe, responde o canto plangente dos chocalhos, tristes como lamentos, angustiosos como brados.

E o Tejo corre contente, a chapinhar nas margens, a brincar com os chorões debruçados a mirá-lo—piscos, tão piscos, que poisan nas suas águas—e a pôr na gleba, em delírio apaixonado, o germen fecundador de culturas pingues.

Outrota, era mais desafrontado o seu caminho.

A lezíria imensa—estepe infinda onde o campino afronta os toiros, a solidão e a vida, com o minguado da sua jornada—era, então, um formigueiro de ilhotas e mouchões por onde o Tejo serpenteava, confiado e alegre. Pouco a pouco—hoje aqui, amanhã acolá—aqueles pedaços de verdade, submetidos ao seu domínio, se foram unindo sob o desígnio imperioso de uma vontade colectiva, até formarem esse todo por onde hoje ainda corre, subjogado pela mão do homem, entre valados robustos de comportas de sarilho.

Se cedia um palmo, logo a pá do valador lhe vinha erguer barreiras.

E das entranhas dos montes, das bocarras, sanguíneo, cromo e violáceo, das pedreiras, nas carretas a gemerem puxadas por bois passivos, descia a pedra, com que o homem defendia a gleba do farfalho sereno e afagoso das suas águas. Erguiam-se depois, a espaços como sentinelas, ou em massa como batalhões, os troncos dos salgueiros e dos choupos, dos eucaliptos e dos chorões, que virilizavam as sebes, auxiliando a luta dos seus domínios.

E se algum barco, já caduco, nem do estaleiro recebia benesses para agüentar cargas, encalhavam-no nas margens, para não casco bojudo em ruína. Ele se entreter a esfiampar, a derruir, recordando a pele morena daquela que, em escusa provocante, fugira ao seu afago. Anos depois, onde era náteiro para o Tejo repousar, erguia-se altiva, no porte grácil dos seus caules, a espiga avonde e doi-

rada do trigo, entre cachinadas de papoilas vermelhas e sorrisos brandos de malmequeres e boninas.

O Tejo é o sangue criador que corre nas veias da lezíria, é o verso mais expressivo deste poema grandioso.

Dá-lhe a sua graça: Tejo—ribas do Tejo—Ribatejo.

É o relógio colectivo das horas boas e más dos habitantes das suas margens—anseio comum que une no mesmo sonho o homem da lavoura e o pescador, meio fecundo de íntimas relações sociais.

Estrada maior do seu tráfego abundante—cereais e frutos, vinhos e cortiças—cortada pela proa airosa dos barcos de fundo chato e das fragatas de quilha, de velas brancas e vermelhas, aparelhadas à cacilheira ou à latina, revendo-se no azul das suas águas, numa miragem contemplativa de saudoso narcisismo.

Em tempos longínquos, quando as estradas eram albergue de malfetores e os assaltos se repetiam à carreira semanal, puxada a bois, que ligava a região a Lisboa, ia-se rio abaixo com afoiteza, e em poucas horas, se a nordestia empolava as velas. No seu dorso só pairava o agitar ameno de ondas infantis e o adejo puro das asas brancas de gaiivotas.

Debruça-se nele o arrais a lançar as rédes, embalado na meia-lua dos saveiros, enquanto o camarada vigoroso, vai remando, e lê nos astros as horas e os ensejos, pois as águas vão lusas e só de noite o peixe se deixa colher.

Vive do Tejo e sobre o Tejo—o avieiro moreno e triste, na barca negra do seu labutar constante, pondo a mulher aos remos, enquanto lança a tarrafa, a pescar—quantas vezes! a—amargura de um desgano atroz.

Metam-no em canteiros, entre barachas, nas marinhas que o marnoto cuida com desvelo, de galho na mão, e deixará, ao evaporar-se, um resíduo branco, como neve, que, depois, em pirâmides cobertas de junco, se erguerá no meio dos campos, entre verdes tostados e amarelos-vermelhos.

Cubram um arrozal de uma aziela da sua água e a semente germinará lançando colmos, flores e panículas, num mostruário completo de verdes e oiros, enchendo celeiros de bago rijo.

Vão de canoa, rio acima, passando Vila Franca e o Carregado, e embriaguem-se da luxuriante bizarría das suas margens ricas de arvoredos—verde brilhante na primavera e oiro velho no outono—, nesses pedaços edénicos que são as Obras e o Malagueiro, onde a natureza em festa, ri e canta, numa pujança de seivas: vão até ao braço que leva ao Vau, ou sigam sempre para Salvaterra, ou ainda para Valada entre os lombos de areia fina, onde se erguem salgueiros e há manchas de ervas, sobre as quais tasquinham manadas de éguas e crias, badalando chocalhos.

Subam às Portas do Sol, ao Alto do Boneco ou ao Monte Gordo; espreitem-no

## Do aquecimento das escolas

por André Miguel

TEM ultimamente havido frio rigoroso e persistente. E, por mais estranho que isto pareça, em Portugal, país de clima doce, céu azulino e mais coisas bonitas que os poetas sabem dizer, ainda se toma o frio como tema e factor importante do rendimento escolar português em cerca de metade do tempo lectivo.

O caso é simples. É que os poetas, que não cessam de cantar a benignidade do nosso clima, fazem-no, a meu ver, durante a primavera, ou então em gabinetes relativamente confortáveis, ou ainda, hibernam. Deve ser por qualquer dessas razões, pois nem de outra forma se explicaria que ainda não tivessem reparado nas torturas que passam as crianças das escolas, nesta quadra do ano.

O português adora tanto o luxo, o espanto, quanto detesta o conforto.

E, senão, repare-se que este só nele aparece como atavio daquele.

Devem poder-se contar pelos dedos os prédios de rendimento que nas grandes cidades disponham de aquecimento central e a maior parte dos de moradia, íamos jurá-lo, não o possuem também. Não é de admirar, pois, que as escolas públicas, ainda mesmo as modelares, as monumentais, desconheçam semelhante comodidade.

O que é de admirar é que ainda se não tenha focado esse aspecto das instalações escolares e o seu possível reflexo na natureza do rendimento escolar.

Não é assim caso de somenos importância, e senão, vejamos.

Uma sala de aula, sem aquecimento próprio, não pode renovar tantas vezes, quantas as precisas, o ar que nela os respectivos alunos respiram. O arquitecto traçou-a para o bom tempo, e não lhe ia consignar o dóbro, ou mais, da capacidade pedagógicamente recomendada. Simplesmente a pedagogia não tem em conta a falta de senso da autoridade superintendente do ensino.

E acontecem então, em tôdas as escolas primárias, pelo menos, estas extraordinárias coisas: o ambiente da aula aquece-se à custa da viciação do ar, pois se conservam janelas e portas bem fechadas, não vá o norte cortante engaranhá-las mãos dos miúdos, o que lhes não permitiria fazer os seus exercícios escritos; alunos e professores conservam-se enroupados, como costumam andar na rua, tolhidos de movimentos, imobilizados pelos outeiros da margem direita, onde gemem e soluçam as velas dos moínhos vigilantes, e sigam a fita do seu caminho, a contorcêr-se em requebros lascivos, a espasmar-se nas margens afestoadas de vegetais soberbos.

O Tejo é o principal motivo de beleza desta tela impressiva e colorida.

Em épocas remotas, quando o subconsciente das religiões regulava a vida dos clans e as relações das tribus, creio bem, era o Tejo o totem dos grupos comunais que viviam nas suas ribas.

Era o espírito, o ancestral, o protector dessas gentes selvagens.

Dava-lhes alimento, caminho para navegarem, pitoresco para recrearem os olhos e temas musicais para os seus cantos.

E até quando se agitava, correndo caudaloso, barrento, de ondulação alta, a cobrir a terra das suas águas nateiradas trazidas de outros campos, levando na enxurrada vegetais e palhotas, a marulbar como o mar raivoso, embravecido e ululante, fazia crer que indivíduo do clan lhe caíra em desgraço, por falta comedita a qualquer tabu.

A cheia era o castigo do totem.

Erguiam-lhe submissas preces mendigando perdão ou atemorizavam-no com armas e imprecações, para que cessasse sua fúria maldita.

E quando o Tejo voltava azul e acariciador, sereno e confiado, vinham os homens cantar-lhe hinos de louvor, erguendo palhotas e pescando em suas águas.

frio e pelos abafos: como não há recintos, para recreio, suficientemente abrigados, alunos e professores preferem a atmosfera, morna, mas viciada, da sala da aula, ao ar puro do exterior.

Não falamos já nos edifícios de tetos esburacados, portas desconcertadas, e janelas com vidros de papelão—passe a forma caracteristicamente portuguesa de dizer—porque isso seria um nunca mais acabar de casos, que todos conhecem, e, geralmente, sentiram!...

Referimo-nos, aqui, apenas ao edifício modelar da linguagem e pedagogia oficial.

Não falemos ainda na saúde, que é sempre preciosa, do aluno; deixemos isso para a sensibilidade embotada e competência oficial do médico escolar e do delegado de saúde.

Foquemos apenas o aspecto—rendimento escolar. As escolas públicas são frequentadas, na sua maioria, pelas classes pobres, que quer dizer, aqueles que em mais precárias circunstâncias se encontram para agüentar o desconforto das mesmas. Crianças mal agasalhadas e, por vezes, com os corpiños tenros molhados pelo temporal, que os surpreendeu no caminho, para ali vão ficar horas e horas a enxugar a roupa no corpo e proporcionar, dessa forma, a entrada a, eu sei lá quantas, enfermidades!—Pois é em semelhante estado que, durante muito dias, na quadra invernos do ano, um grande número de alunos recebe lição nas escolas portuguesas.

Ora é sabido que o espírito da criança não deve ser chamado por preocupações diferentes das que emanam do ambiente escolar, pois só dessa forma o ensino poderá ser proveitoso. Mas os agasalhos exteriores e demasiados para o local, tolhem os movimentos para os exercícios grafados, o frio engaranha as mãos, o meio regela a alma, e a atenção do aluno, chamada para o frio, que o imobiliza, permanece indiferente às solicitações do mestre. A redacção, o ditado, a cópia, a aritmética, o desenho, são as matérias mais prejudicadas. É claro que, se a escola dispõe de recintos abrigados, a ginástica intensiva pode provocar a reacção, bem como assim os jogos; mas nem a ginástica pode ser assim ministrada a torto e a direito, nem o temperamento dos alunos se presta sempre para jogos movimentados, dado que o horário e o físico desses alunos os comportem. E julgamos desnecessário estar aqui a esmiuçar mais o assunto, para que do exposto possa concluir-se que é preciso cuidar-se do aquecimento das escolas, para que elas, sob esse aspecto, chamem e reconfortem os alunos, em vez de os repelir e dizimar.

## NOVIDADES LITERARIAS

Com um prefácio de Fidelino de Figueiredo foi publicado um livro póstumo do poeta Bernardo de Passos, sob o título de «Refúgio».

— Foi-nos enviado pelo seu autor sr. João Domingues Arede, um volume intitulado «Manual de Instrução Moral e Cívica».

— Em moderna e artística edição acaba de ser publicado um novo romance de Manuel de Campos Pereira, com o título de «As pobres Suzanas».

— Com ilustrações de Botelho foi publicado o terceiro volume de «Lisboa sem camisa», que se intitula «O galá de Alcântara», de Armando Ferreira.

— Com prefácio e notas de António Sérgio foi publicado o opúsculo «Sobre as verdadeiras e falsas riquezas», do Padre António Vieira.

Só se fará referência nesta secção a obras de que não sejam enviados dois exemplares, in dependentemente das ofertas pessoais.